

DIMENSÃO DE PRESIDENTE

Luiz Carlos Bresser Pereira

(*Folha de S. Paulo*, 25/7/94)

Abstract. Votarei em Fernando Henrique não apenas porque é o candidato do meu partido, não apenas porque com ele compartilho uma visão social democrata e pragmática de como retomar o desenvolvimento e reduzir a desigualdade social através da combinação da ação do mercado combinada com um Estado reformado, mas também porque é o único candidato que tem a verdadeira dimensão de um presidente, ou seja, que reúne todas as qualidades exigidas para o cargo: é preparado, experiente, equilibrado sendo progressista, e é honesto.

Votarei em Fernando Henrique não apenas porque é o candidato do meu partido, não apenas porque com ele compartilho uma visão social democrata e pragmática de como retomar o desenvolvimento e reduzir a desigualdade social através da combinação da ação do mercado combinada com um Estado reformado, mas também porque é o único candidato que tem a verdadeira dimensão de um presidente, ou seja, que reúne todas as qualidades exigidas para o cargo: é preparado, experiente, equilibrado sendo progressista, e é honesto. Os demais candidatos são sempre deficientes uma ou mais dessas características pessoais, além de terem uma visão arcaica da realidade brasileira e internacional. Por isso poderão representar um retrocesso, em um momento crucial em que o Brasil está prestes a estabilizar sua economia para poder, em seguida, voltar a crescer.

Alguns amigos, sabendo que participo ativamente da campanha de Fernando Henrique, sugeriram-me que devemos ser mais críticos de Lula e do PT. Tenho, realmente, divergências com esse partido, que confunde esquerda com o corporativismo estatista e com o nacionalismo dos anos 50. E se reconheço as limitações pessoais de Lula, tenho sempre afirmado que ele não é o radical perigoso que certos setores conservadores pretendem pintar. Está claro, entretanto, que, caso seja eleito, além de ter que muito lutar dentro de seu próprio partido, terá ele próprio que aprender e errar muito. Embora mais moderado do que se imagina, Lula não é infenso ao corporativismo, que confunde o interesse nacional com o interesse da burocracia estatal, nem a uma visão arcaica de nacionalismo, que prefere se fechar o país a se sentar na mesa de negociação com os países desenvolvidos. A insistência no

protecionismo e em privilegiar o comércio ao nível do Terceiro Mundo são indicações claras nesse sentido.

Minhas razões para votar em Fernando Henrique, entretanto, estão apoiadas em suas qualidades pessoais, e na competência da equipe ministerial e da equipe técnica que ele terá condições de formar. Fernando Henrique fez alianças, que eram necessárias, mas não se comprometeu com cargos. E faz questão de afirmar que organizará seu ministério com ampla liberdade. Usará representantes dos partidos que formarem sua coligação, entre os quais espero que o PT possa estar incluído, mas a escolha será sua.

Fernando Henrique, como verdadeiro social-democrata moderno e pragmático, tem um compromisso com a equidade social. Sabe que a concentração de renda é escandalosa no Brasil. E que o mercado apenas jamais resolverá o problema. Por isso planeja reconstruir o Estado, torná-lo forte embora pequeno, capaz de implementar as políticas sociais e de desenvolvimento necessárias. Sabe também que precisa antes estabilizar a economia e baixar a taxa de juros. Para em seguida, apoiado no mercado e nesse Estado reformado, promover o progresso tecnológico e a retomada dos investimentos. Recusa o neo-liberalismo conservador, que subordina a justiça social à ordem, adota um internacionalismo que ignora o interesse nacional, e não tem qualquer proposta concreta sobre a retomada do desenvolvimento do país, da mesma forma que recusa o nacional-desenvolvimentismo terceiro-mundista dos anos 50, que nada mais tem a oferecer ao Brasil.